

TUBACANORA

FOLHA LITERÁRIA MENSAL EM LÍNGUA PORTUGUESA

“Dai-me uma fúria grande e sonora, / E não de agreste avena ou fruta ruda, / Mas de tuba canora e belicosa, / Que o peito acende e a cor ao gesto muda”. LUÍS VAZ DE CAMÕES, *Os Lusíadas*, 1572, Canto I; e5.

HOMENAGEM A ZÉ PEDRO [1956-2017]

FUNDADOR E GUITARRISTA DO GRUPO XUTOS & PONTAPÉS

Por ti, todo o nosso canto hoje
E o tom das guitarradas
Que quando sentindo a tua melodia
Me deito na areia
É a mão que pulsa o tempo.

Lentamente todos os grandes partem
E o nosso amor é como a música rock:
Como o meu corpo vibrando na guitarra,
Para sempre, uma história de ilusão.

E no espaço
De cada corda da guitarra
Eterna gratidão.

Cadáver esquisito dos estudantes da cadeira de HISTORIA Y CULTURA PORTUGUESA I

Um farol não é só uma pedrinha deitada no mar e os trabalhos da catedral começaram ainda antes da praia, quando aqui chegámos e havia estas pedras e delas um lugar por imaginar. O mar torto, o mar que por vezes chegava e não parava de subir, outras vezes muito raso, chão quase de começar. A catedral trabalha na invenção. Um farol não é só uma pedrinha deitada no mar, essa bruta esquina na noite metida, o braço mais colosso da catedral. Ainda era de noite, escutas, ainda era de noite e havia dois peixes a morar juntos. É montanha esse corpo a crescer como tremenda vontade, o bater junto de dois peixes em mar de ressaca. Bater junto, longo, ampla morada nos cruzamentos da noite, o mago brincando nas suas magias. Um salto grande dentro do peixe. Um salto catedral de olhar o mago. É o louco sentado nas suas fábulas. É o louco em casa de maravilhas. Lento, trabalha. Lento, o saco das imaginações. [...]

Fragmento de “Catedral”, obra do LAPELIPOSA · TEATRO [2015]

CRISTAIS

E do fumo da papoila
incomoda-me só o vento,
e olha lá, para as ondas
só vive no momento.
Levanta-se sem demora
no mar, imundo inferno,
vive no mundo sem horas,
no mais profundo sonho
vive isolada, não murcha,
porque lá é sempre inverno.
E do ar, da doçura
só há um rastro infecto
que sussurra com mil gritos
o fim de todo o tempo
À beira-mar, desolada
retalham-na as suas lembranças,
são de pedra, são mentiras,
são cristais que a dessangram.
Na boca, sem saliva
acumulam-se os insetos,
já não importa, já não há vida
porque a devorarão por dentro.
E do ar, ao ar
ao pó, pó, vento
e do mar ao mundo grita
carne e sangue o seu lamento.

INÉS VELÁZQUEZ PUERTO · *Grado en Estudios Portugueses y Brasileños*

DA PEDRA BREVE [PARA JOÃO CUTILEIRO]

Começar a paisagem: no litoral da pedra, fraseio e fala azul, o coração da obra. Contra o tempo, a lentidão da pele e o horizonte possível, o horizonte todo de uma língua tão breve como marina e vibrante. De vento e sal, essa temperatura do gesto, o corpo que aprende nas leis do pulso, no batimento da sílaba. Mapa de luz, o da pedra. A pedra, o nervo da travessia. A pedra, um tambor para a resistência.

HUGO MILHANAS MACHADO · *Grado en Estudios Portugueses y Brasileños*

AGENDA JANEIRO 2018 #PORTBRASUSAL

Rádio: *Histórias da Música Portuguesa* – programa semanal na *Radio Universidad de Salamanca*; todas as terças-feiras, 18:00, em 89.0 FM e radio.usal.es.